

COVENANT & Conversation

UM ESTUDO NA PARASHÁ COM O RABINO SACKS

www.rabbisacks.org

[f/rabbisacks](https://www.facebook.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://twitter.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://www.instagram.com/rabbisacks)



7"02

PARASHÁ VAERÁ

Shabat de 28 de Janeiro de 2017 (1 de Shevat de 5777)

LIBERDADE E VERDADE

Uma parceria da Sinagoga Edmond J. Safra - Ipanema com o escritório do Rabino Jonathan Sacks (The Office of Rabbi Sacks)

Por que Moisés disse ao Faraó, se não uma mentira, então menos do que a verdade completa? Eis aqui a conversa entre ele e o Faraó depois da quarta praga, *arov*, “enxames de insetos” (alguns dizem “animais selvagens”):

O Faraó convocou Moisés e Aarão e lhes disse: “Vai, sacrifique ao teu D-s aqui na terra”. Mas Moisés disse: “Isso não seria certo. Os sacrifícios que oferecemos ao Senhor nosso D-s seriam detestáveis para os egípcios. E se oferecemos sacrifícios que são detestáveis aos Seus olhos, não nos apedrejarão? Devemos fazer uma viagem de três dias ao deserto para oferecer sacrifícios ao Senhor nosso D-s, como Ele nos ordena” (Ex. 8:21-23).

Não só aqui, mas por toda parte, Moisés faz parecer que tudo o que ele está pedindo é a permissão para que o povo realize uma jornada de três dias, ofereça sacrifícios a D-s e então retorne. Assim, em sua primeira aparição diante do Faraó, Moisés e Aarão dizem:

“Assim diz o Senhor, o D-s de Israel: ‘Deixa ir o meu povo, para que me celebrem no deserto’”. O Faraó disse: “Quem é o Senhor, para que eu lhe obedeça e deixe ir Israel? Eu não conheço o Senhor e não deixarei ir Israel”.

Então eles disseram: “O D-s dos hebreus se encontrou conosco. Agora vamos fazer uma viagem de três dias ao deserto para oferecer sacrifícios ao Senhor nosso D-s, ou Ele pode nos atacar com pragas ou com a espada” (Ex. 5:1-3).

D-s mesmo especificou isso antes que a missão tivesse começado, dizendo a Moisés na sarça ardente: “Você e os anciãos de Israel irão então ao rei do Egito. Você deve dizer a ele: ‘O Senhor, D-s dos hebreus, revelou-se a nós. Agora pedimos que nos permita fazer uma viagem de três dias ao deserto, para oferecer sacrifício ao Senhor nosso D-s’” (3:18).

A impressão permanece até o fim. Depois que os israelitas partiram, lemos: *O rei do Egito recebeu notícias de que o povo estava fugindo. O Faraó e seus oficiais mudaram de opinião em relação ao povo e disseram: “O que fizemos? Como poderíamos ter libertado Israel de fazer nosso trabalho?” (14:5)*

Em nenhum momento Moisés disse explicitamente que ele estava propondo que o povo deveria ser autorizado a deixar permanentemente o Egito para nunca mais voltar. Ele fala de uma jornada de três dias. Há uma discussão entre ele e o Faraó a

**RABBI
SACKS**

Para outros trabalhos do Rabino Sacks visite www.rabbisacks.org

The Office of Rabbi Sacks, PO Box 72007, London, NW6 6RW, UK
+44 (0)20 7286 6391 • info@rabbisacks.org • www.rabbisacks.org

© Rabbi Sacks • Todos os direitos reservados
O escritório do Rabino Sacks tem o suporte do Covenant & Conversation Trust

COVENANT & Conversation

UM ESTUDO NA PARASHÁ COM O RABINO SACKS

www.rabbisacks.org

[f/rabbisacks](https://www.facebook.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://twitter.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://www.instagram.com/rabbisacks)



ת"ו

respeito de quem deveria ir. Somente os homens adultos? Somente as pessoas, não o gado? Moisés sempre pede permissão para adorar a D-s em algum lugar que não seja o Egito. Mas ele não fala sobre a liberdade ou a terra prometida. Por que não? Por que ele cria e não corrige uma falsa impressão? Por que ele não pode dizer abertamente o que ele quer dizer?

Os comentaristas oferecem várias explicações. R. Shmuel David Luzzatto (Itália, 1800-1865) diz que foi impossível para Moisés dizer a verdade a um tirano como o Faraó. R. Yaakov Mecklenburg (Alemanha, 1785-1865, Ha-Ktav v'ha-Kabalá) diz que, tecnicamente, Moisés não disse uma mentira. Ele realmente quis dizer que queria que o povo fosse livre para fazer uma viagem para adorar a D-s, e ele nunca disse explicitamente que eles retornariam.

Abrabanel (Lisboa 1437 - Veneza 1508) diz que D-s disse a Moisés deliberadamente para fazer um pequeno pedido, para demonstrar a crueldade e indiferença do Faraó para com seus escravos. Tudo o que eles pediam era um breve intervalo de seus esforços para oferecer sacrifícios a D-s. Se ele recusasse isso, ele seria de fato um tirano. Rav Elhanan Samet (Iyunim be-Parashiot Ha-Shavua, Êxodo, 189) cita um comentarista sem nome que diz simplesmente que esta era uma guerra entre o Faraó e o povo judeu, e na guerra é permitido, e de fato às vezes necessário, enganar. Realmente, no entanto, os termos do encontro entre Moisés e o Faraó fazem parte de um padrão mais amplo que já observamos na Torá. Quando Jacob deixa Labão lemos: "Jacob decidiu ir pelas costas de Labão, o arameu, e não lhe disse que fugiria" (Gen. 31:20). Labão protesta contra esse comportamento: "Como você pôde fazer isso? Você saiu pelas minhas costas e levou minhas filhas para longe como prisioneiras de guerra! Por que você teve que ir embora tão secretamente? Você foi pelas minhas costas e não me disse nada!" (31:26-27).

Jacob mais uma vez, na melhor das hipóteses, disse uma meia-verdade quando Esaú sugere que eles viajassem juntos: "Vocês sabem que as crianças são fracas, e eu tenho responsabilidade pelas ovelhas e pelo gado. Se eles forem forçados mesmo que por um dia, todas as ovelhas morrerão. Por favor, vá em frente, meu senhor" (33:13-14). Isso, embora não seja estritamente uma mentira, é uma desculpa diplomática. Quando os filhos de Jacob estavam tentando resgatar sua irmã Diná, que foi estuprada e raptada por Shechem, o hivita, eles "responderam enganosamente" (34:13); quando Shechem e seu pai propuseram que toda a família viesse se estabelecer com eles, disseram que só poderiam fazê-lo se todos os machos da cidade fossem circuncidados.

Mais cedo ainda encontramos que três vezes Abraão e Isaac, forçados a sair de casa por causa da escassez de alimentos, têm de fingir que eles são os irmãos de suas esposas, não seus maridos, porque temiam que de outra forma eles seriam mortos para que Sarah ou Rebecca pudessem ser levadas ao harém do rei (Gen. 12,20,26).

**RABBI
SACKS**

Para outros trabalhos do Rabino Sacks visite www.rabbisacks.org

The Office of Rabbi Sacks, PO Box 72007, London, NW6 6RW, UK
+44 (0)20 7286 6391 • info@rabbisacks.org • www.rabbisacks.org

© Rabbi Sacks • Todos os direitos reservados
O escritório do Rabino Sacks tem o suporte do Covenant & Conversation Trust

COVENANT & Conversation

UM ESTUDO NA PARASHÁ COM O RABINO SACKS

www.rabbisacks.org

[f /rabbisacks](https://www.facebook.com/rabbisacks)

[t @rabbisacks](https://twitter.com/rabbisacks)

[i @rabbisacks](https://www.instagram.com/rabbisacks)



702

Esses seis episódios não podem ser totalmente acidentais ou coincidentes com a narrativa bíblica como um todo. A implicação parece ser a seguinte. Fora da terra prometida os judeus na era bíblica estavam em perigo se dissessem a verdade. Eles estavam em constante risco de serem mortos ou, na melhor das hipóteses, escravizados.

Por quê? Porque eles são impotentes em uma era de poder. Eles são uma pequena família, na melhor das hipóteses uma pequena nação, em uma era de impérios. Eles tiveram que usar sua inteligência para sobreviver. Em geral eles não dizem mentiras, mas eles podem criar uma impressão falsa. Isso não é como as coisas devem ser. Mas é assim que ocorria antes que os judeus tivessem sua própria terra, seu único espaço de defesa. É como as pessoas em situações impossíveis são obrigadas a ser se elas querem continuar existindo.

Ninguém deveria ser forçado a viver uma mentira. No judaísmo, a verdade é o selo de D-s e a pré-condição essencial da confiança entre os seres humanos. Mas quando seu povo está sendo escravizado, seus filhos do sexo masculino assassinados, você tem que libertá-los por qualquer meio possível. Moisés, que já tinha visto que o seu primeiro encontro com o Faraó piorou as coisas para o seu povo - eles ainda tinham de fazer a mesma quantidade de tijolos, mas agora também tinham que recolher a sua própria palha (5:6-8) - não queria correr o risco de tornar ainda piores as condições do trabalho.

A Torá aqui não está justificando o engano. Ao contrário, está condenando um sistema no qual dizer a verdade pode colocar sua vida em risco, como ainda acontece em muitas sociedades tirânicas ou totalitárias hoje. O judaísmo - uma religião de dissidência, questionamento e “argumentos para o bem do céu” - é uma fé que valoriza a honestidade intelectual e a veracidade moral acima de todas as coisas. O salmista diz: “Quem subirá ao monte do Senhor e quem permanecerá no seu santo lugar? Aquele que tem as mãos limpas e o coração puro, que não tomou o Meu nome em vão, nem jurou enganosamente” (Salmo 24:3-4). Malaquias fala de alguém que fala em nome de D-s: “A lei da verdade estava na sua boca, e a injustiça não foi encontrada em seus lábios” (Mal. 2:6). Cada Amidá termina com a oração: “Meu D-s, guarda a minha língua do mal e os meus lábios da palavra enganosa”.

O que a Torá está nos dizendo nessas seis narrativas em Gênesis e a sétima em Êxodo é que há uma conexão entre liberdade e verdade. Onde há liberdade pode haver verdade. Caso contrário, não pode. Uma sociedade onde as pessoas são forçadas a ser menos do que totalmente honestas apenas para sobreviver e não provocar mais opressão não é o tipo de sociedade que D-s quer que criemos.

Texto original: “**FREEDOM AND TRUTH**” por Rabino Jonathan Sacks

Tradução Rachel Klinger Azulay para a *Sinagoga Edmond J. Safra - Ipanema*



Para outros trabalhos do Rabino Sacks visite www.rabbisacks.org

The Office of Rabbi Sacks, PO Box 72007, London, NW6 6RW, UK
+44 (0)20 7286 6391 • info@rabbisacks.org • www.rabbisacks.org

© Rabbi Sacks • Todos os direitos reservados
O escritório do Rabino Sacks tem o suporte do Covenant & Conversation Trust